

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema



er.^o 4.
Thesouros do pobre

Comedia drama em 3 actos original

por

Leite Bastos

expressamente escripta para o beneficio dos Inr.^{es}

Escola Superior de Teatro e Cinema

Alvaro e Gil

no Theatro

do

Principe Real

Junho de 1869.

com Aquitipimo

Personagens.

Gabriel _____ } fabricantes
Polycarpo _____ }
Gomes _____ Capitão de Mar e guerra
Matoso _____ Guarda Livros de
Jose Antonio _____ proprietarios de uma fabrica de tecidos
Mesquita _____ Instituto Politécnico de Lisboa
Primo João _____
Primo Antonio _____
Um Escrivão _____
Um Official de diligencias _____ e Um official de mar.
D. Catharina _____
D. Laura _____
Maria _____

_______ Pais de Gomes e de D. Catharina; operarios.
um soldado da guarda Municipal; Criados. &c.

_______ Lugar da Accão = Lisboa: = o primeiro
acto na officina ou fabrica de Jose Antonio; o segundo
e terceiro em casa de Gomes = epocha = actualidade.

Projeto de arquitetura

estudo de
estrutura

caso 1



projeto

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Primeiro acto.

Interior de uma fabrica. Tres arcos ao fundo: à esquerda porta praticavel para a rua; à direita duas portas que dão para os Armazens; no primeiro plano da direita o escriptorio da fabrica; neste ha uma mesa com papeis, livros de escripturação Mercantil, Estantes, Cadeiras &c.

scena 1.^a

1 Gabriel e Policarpo trabalhando ao fundo com os demais operarios; e Galos, no escriptorio conferindo contas com Joze Antonio.

Com Joze Antonio.

2 ^{sentado - a mesa} Galos: A minha opinião é que se devia declarar o estado de quebra. As perdas durante o anno decam por oito contos, a póia a letra que se vence amanhã. Verifique-me as parcelas.

3 ^{sentado - a mesa} Galos: Não é necessario. ^{uma livro} Joze Antonio: Vamos sempre. Com Cestas todos os Cuidados São Joze Cos.

4 Galos: Isso é verdade. ^{no livro que o outro} Joze Antonio: (endo) Ganero, dois: à Casa Cunha & Comp.^a - deve-se Antonio da Silva, 1. Proposo.

5 Galos: Ha engano ali, parece-me. Joze Antonio: Verifica-se ^{no outro livro} encostado à porta do meio.

6 Galos: Ahé... (Policarpo que se tem aproximado do escriptorio, interrompe-os com uma cantata popular; e Galos dá sinais de viva impaciencia, aperta a lousa com as mãos, põe de parte os Caderes e sai.)

7 Galos: (com Aquidissimo)

(Descriptório) ^{para a} ^{caixa}
Apat (Dirigindo-se a Gabriel) A officina não é Aula de
to; leva humão

Gabriel Porque se dirige a mim estando em Calado?!

apat. Porque quero; e bem atrevido.

Gabr. Atrevido Será o Senhor

apat. O' seu diabo, Cale-se ou mando-o pôr fora d'aqui
alguns operarios ainda com o sapão entre dentes

apat. Também você...

J. Ant. (virando-se com Apatoso) Dize os sapases. É preciso ser
descendente, não tem outro desajogo, e o trabalho
não aborreço tanto. Antes Cautar que Chisar. É
gosto de rathos e Questões, e prefiro na officina por
todos Alegres.

Polyc. apoiado y patrão, muito bem. Isso é que é fuda e
as directas e ter deveras bom Coração

J. Ant. Bem, está tudo acabado (a Apatoso), vamos ao
interessa (entra no Descriptório) e respeito de Siquera

apat. Aqui até o livro. Letras a pagar

J. Ant. Desconto enorme! (observando)

apat. Não o fude obter mais Prolica (estava no
fo

J. Ant. Foi cara

apat. Era preciso; alias o Crédito...

J. Ant. Serdia-se (com desespero) Quere anos de trabalho,
sacrificios! (outro tom) Foi bem.

1.º Act. Amanhã vence-se esta outra (resignação fingida) não aceitaram a reforma... Mostrei que a desfavorei... Mas...

2.º Act. e Uas...

3.º Act. A desconfiança já lava em alguns... É a verdade... Receiam que o Estado de guerra se declare e se queiram os Capitães

4.º Act. Maldade, igrismo, estupidice! A queda todos nos precipitam, na tubida karos nos Judam.

5.º Act. Triste verdade (at parte, com alegria) indicando as mãos) Tenho-te aqui e regresso-me em tocer-te. Como se fôrás um bime em mãos de Creanças! Levant a vena

6.º Act. (Depois de pausa) Tere agora uma ideia a scena

7.º Act. Uma ideia é sempre a vida, ao menos denota que o espirito não se cumba.

8.º Act. Que brê Associa-se Comigo?!

9.º Act. Má ideia. Associação de pobres, geração de feditas. Semear assim é pronuncio de morte. (at parte) indicio de que estis com a corda na garganta.

10.º Act. Não se chore Matoso. (vendo o relógio) São horas da missa a 2... Depeca ella gente. Quanto ao Nosso Nosso ocio saltaremos depois... mais de bazar.

11.º Act. (at parte) Estás servido (alto) Alhe que a letra vence-se amanhã, e é dia de feira também... se não houver diabo to elles diabos, são cabases de causar logo a fabrica...

Com Aquidissimo

J. Ant.: Não hade Succeder Assim. Confie mais na Providencia
Mande tocar a Sineta para o Almoco, que essa gente de
se estar she Com vontade. *E. Ant.*

Pat. (Tomando n.º outro sentido a phrase) Se está (Jose Ant. Sae, Matoso
faz signal ao porteiro, que toque a Sineta, os operarios largam o tra-
balho e agrupão-se ao fundo; Matoso no Escriptorio Coloca-se em att.
de quem pensa em alguma cousa que vivamente o interessa - algumas
mulheres entram Com o almoco para os operarios)

Scena 2.ª

Matoso - Só -

Ora se quem profia Mata Caca, eu, que profio...
to, heide pelo menos desaxar este guteta do...
ho, que se mostra em frente sem bandeira, sendo
uma das palavras Laudatorias dos Amigos, faldões e
que o vento leva, Com mais facilidade do que uma
lanha da Cera. agora para o outro que quer que...
apresentem o filho morto ou vivo que seja, ja com
receita (indicando uns papeis que tem ^{garrafa de} ~~uma~~ meza) um ce-
tidão, ad hoc, como se dir agora; Dantes nao se es-
sa Opium. Sem trabalho... Mas Carinho... se al-
mercado da jovem burguesia os instantes levantaram
o queco. guerra de Canto alto, que os guerreiros da
industria tem agora mais guerra. Esta é a...
em que o outro... três entrelinhas... Malandros, que
geminio... se dá a Aquadavel Nova de São Injão quando

antes o reparar, para afastar Suspeitas. Que dizeis?
e destes está o Mundo cheio. Não haer quem me
chame Velhaco... Saber mais alguma coisa. Mas é possível
vel-se se homem de bem com esta gente. Ou se hade
accusar o Mundo, como elle está, ou renegar-se, e dizer
vida de Cenobita, o que não está, seu Probo.

Pertence a esta gívea e heide saber viver nella; boa
ou má a historia que a julque: não faço a critica dos
meus, vivo com elles (dobra a certidão junta com a carta)
Que boa Sociedade que estes sogentinhos vão esta-
blecer na minha Algibeira (vendo entrar Gomes Ver-
eira) e homeni comigo! (Dae-lhe ao encontro)

Scena 3.^a

Gomes vestido à paisana e Matoso

1
Mat. Com quanto se'a sempre desejado V. C.^a não se
páe esperar utilitar sempre na fortualidade e...
(A parte) E' dar-lhe toda a força, que o negocio é
de 4:000 000 de reis.

Gom. Está hoje demasiadamente leisonjeiro o Sr. Ma-
toso, e a sua linguagem de certo me parece mais
propria da Talha, que de officina.

Mat. (Rindo) Bem Saca da, Sim Senhor.

Gom. (A parte) Certo é de tolo, a cara de Velhaco; muito sin-
gular! velhaco e tolo a um tempo.

Mat. (Que tem ouvido, a parte) Ou se dizeis de mais quem é

Gom. Aquidissimo

o tolo.

Lom. É preciso que nos entendamos, sobre o nosso negocio.

Chat. Estamos só e as paredes

Gomes Sem ouvidos muitas vezes.

Chat. São lá as dos Sabões, cá pelas da officina, e eu fendo eu, São tapadas de todo.

Gom. Não o motejo improprio.

Chat. Não perdão. O habito meu ...

Gom. Não esperdicemos palavras. O cumprimento de sua promessa.

Chat /A parte/ Dá-te no ponto /enleado/ Sim, a palavra; eu lhe digo ...

Gomes /Interrompendo-o/ Vivo ou morto obrigou-me a não me contar delle; a não se pôr na roda da Misericordia; a cuidar da sua educação; para isso me garantiu mesada sufficiente; o Sr. recebeu a carta a data em que o procurei pela primeira vez, dois meses, agora diz que meu filho morreu: o Sr. muito que morresse, a morte fêz igualmente todas as Affeições, e não respecta nenhuma quando estende a sua foice; é incuravel; Sei que a vida humana especula com todas as desgraças, e por isso o Sr. não duvida especular com a miúda dor de mãe; mas concedo-lhe isso, concedo-lhe tudo, concedo-lhe mais ainda, seijo forem que me digam

e hade dizer-m'o...

Bot. Que seu filho morreu?!

Sim. (colérico) Sim... mas não basta isso! Preciso saber se as suas palavras não são mentiras successivas, se a sua lingua não é acorte infernal com que a providencia o destino ou o acaso, castiga nas humanas cans, erros de inocidade menos reflectida, se na sua consciencia so' cabem com o diuheiro e a usura, a ingratitude, a vilania, a indignidade.

Bot. Não quite tanto (A' parte) que lingua que tem o mel e desce a 2

Depositaris infiel...!

Bot. Se que seve hir ás do Cabo?!)

(A Certidão do obito de seu filho...)

Sim. Quem a possui, quem a tem, quem a viu?!)

Bot. Eu.

E Tu?!)

Bot. (A' parte) Ai effatosos que perdes terrenos!

Sim. e a minha vida por esse papel!

Bot. e Basta o seu diuheiro, o prometido... quatro Contos de reis

Sim. e é' os - ha.

Bot. Não...

Sim. Que mas escupe!... e' a eterna reticencia, e' a crassiva que se não illude! Isto agora e' muito

Sim. Me uisipimo

positivo. Que fez de meu filho, que destino se deu
Está morto? Quando, onde morreu? Nada de fofas
lavras. Saijo provas decisivas e convincentes.
Canalha por indule ou por Calculo; seja homem
de bem um momento ao menos, se não quizer que
o fulmine a Côlera de um velho, e o amaldiçoe a
indignação de um juze que lhe pede Contas
deu filho.

Mat. (A parte) Doupemos o escândalo (Alto) Que provas?
Tol'as - ha. Sil'a.

Com. at Certidão

Mat. Agora... (indicando o dinheiro.)

Com. (Passando-a rapidamente pela vista) e guardando o seu
papel que lhe cae - Era verdade.

Mat. Verdão... Lembro...

Com. (Dando-lhe uma ordem) Vale a quantia prometida.
Apresente-a ao meu guarda livros, e quanto ao
mais segredo.

Mat. Sei guardar os... e esta uma das muitas ver-
dades, se é que me concede alguma... (A parte)
Manha para o teu tabaco.

Com. (Comprimenta Matôro; signacs de commucação e como
complemento de uma idéa que o atribula) Era verda-
de! (vae)

Mat. Volta a casa do guarda livros, depois sabe...

para onde. O caso vai-me sabendo mais feio que eu pensava. (3ae). F. E.

————— Scena 4.^a —————

Tolicarpo e Gabriel. ² Porta-meio

Tolic. Sou Curioso, que queres? Mas tu és tolo.

Gab. Tens liberdade de mãos, ambos somos enfeitados.

Tolic. Não pronuncies esse nome que é o mais desagradavel que eu conheço. Nós somos o que somos.

Como já disendo: eu quando não sei as cousas perguntar-as, quando as não posso perguntar, creio-as, e quando as não posso espreitar advinho-as, isto é, tiro por consequencias na-me a minha me leva a melhor.

Gab. Tases bem (distrahido)

Tolic. Estás ainda a pensares em te despedires?

Gab. Que tens com isto? passa a ta' cadeira.

Tolic. O' Gabriel, olha que a um Amigo, não se responde assim com esta sequidão.

Gab. Desculpa.

Tolic. É uma maneira que fazes. Se o patrão te estivesse que te importa o resto? Não docta o velho de ti? e até yena. No fim de Contas elle não fassa de um outro empregado como tu.

Gab. É devo subjeitar-me...?

Tolic. Deves conservar-te (Maria atravessa a scena a fim de

com Aquidissimo

Olha para alli ^{parte} 2
Gabr. Maria! (com transporte) Lá cá um abençoado e abençoado
foi, meu irmão!

Solte. Deste galvora a moça e querei largar o trabalho
que é o unico patrimonio dos pobres.!

Gabr. Era uma Loucura!

Solte Não deixas a officina?

Gabr. Não.

Solte. Já lavro dois tentos. Ganhei!

Gabr. Vem agora a proposito contar-te de
de Maria, e explicar-te a razão porque
me afficiei por ella. É triste e breve
de todos os desgraçados, e resume-se em
galvoras: Sofrimento e resignação. Sobre Crean-
ca! Trabalha noite e dia para pagar a divida
de gratidão, que seus paes abandonando-a
lhe obrigaram a contrahir com a fobree de sua
mãe. É justo. Servio-lhe de Mãe, ella agora
servo-lhe de Amparo. Encontrou-a uma noite
à porta de sua casa chorando, tinha apenas 40
dias de nascida, e estava envolta n'uns trapinhos,
camuflada, quasi morta de frio; recolheu-a e criou-
lha com a innocencia do larco pãe da sua
breza. Daqui nasce a minha veneração e o meu
amor por Maria. Há entre nós a Certa a

dade. Eu fui lançado na roda; ella exposta na
tua. O destino que nos aproxima é Jorge entre
a desgraça de Cada um de nós deve estar a felici-
dade para Ambos.

_____ Cena 5.ª _____
na porta ^{meio} 3 Gabriel, Polycarpo e Maria _____

Maria (que tem escutado o monologo) Deus o ouça Gabriel
(A Polycarpo) e muito bons dias vosinho.

Maria. Bons dias menina Maria.

Maria. Também és Curiosa Como o Polycarpo? E se estivesse
semos a dizer mal de ti.

Maria. Não estavam, que eu beu o Labia. Por Curiosa
é que escutei; quis sondear a minha vaidade
ouvindo-os fallar de mim... Mas... eu estou
com muita pressa...

Maria. Sou de mais aqui, não é assim menina Maria?
(Sobindo) ^{sobe} ja volto. F. D.

Maria. Venha cá, ouça... Corre que nem uma ventosilha!
(desce a scena)

_____ Cena 6.ª _____
Gabriel e Maria _____

Maria. Que agadaoel surpresa!
Maria. Sordoa?
Maria. Que mais eu a perceber-me?
Maria. Estavas ás portas, dizem que é Coma muito feia.

Com Miquitissimo

Fui leviana, não é assim?

Gabr. Foi e é Sempre um Anjo.

Mari. Não me diga essas Coisas. Os anjos estão no Ceu.

Gabr. É Maria e' na terra a imagem Corporal, dos
Espíritos Celestes.

Mari. Que Contas Coisas aprende nos Livros, e
tão Amigo d'elles. Que pena não Saber eu. Que
tra Coisa, venho despedir-me de Ti.

Gabr. Despedir-se?

Mari. É verdade, mas não se afuste, vou para muito
perto.

Gabr. Muda-se para outra Casa?

Mari. Não é isso, olhe, vê aquelle prédio alto de
e taboinhas Amarellas.

Gabr. Vejo

Mari. É a Casa do ^{Capitão} ~~Almirante~~ Gomes, aquelle Sujeito do
so, que vem ás vezes cá á officina, ainda
ellê cá esteve. É para Allí que eu vou, para a
Companhia da Cunkada e da Sobrinha, do ~~Alm.~~
^{capitão} ~~navio~~, que é uma menina muito frondada, e
muito minha Amiga.

Gabr. Foi vas Servir a Maria?

Maria. Expressa-me por isso?

Gabr. Não... mas desejo-me tanto do seu amor, que
me deixava melhor Sorte.

Mãe. O Justei-me para fazer os vestidos da Menina. O tra-
balho cá por fóra. Estas são Maus e a tia Martha
está ja tão velhicka, que preferi dar-lhe este ami-
mo. Vae na minha Companhia, e Com esta Condi-
ção é que me Justei. Ella assim deve passar
maiz descaçada, não lhe parece? Eu devia-
lhe esse pequeno Sacrificio! Que seria de mim se
não fóra aquella Santa.

Gabr. Sena Bem, Maria. Servir é trabalhar, e o traba-
lho não deshonra.

Mãe. Nós Somos filhos d'elle.

Mãe. É da Caridade. O Coração dos rapazes está seu
cheio destas Chiméras. Seja a Sua resolução,
que é digna do Alto Conceito em que tenho as
Suas virtudes.

Mãe. (Offercendo-lhe um pequeno embrulho) agora uma
surpresa.

Gabr. (Abrindo-o Com o maior interesse, e mostrando uma
gravata.) Que Bonita!

Mãe. Naturalmente não nos podemos dar tanto a
meudo, e esta lembrança...

Gabr. É para avivar a Saudade? Obrigado-Maria.

Mãe. Não me envergonhe... essa gravata tão insignificante.

Mãe. Porque não diz antes tão significativa.

Mãe. Pois seja: Significa o pouco que vale uma gravata

Com Aquidissimo

Costureira. Não pôe adora a gravata?

Gabr. Com este fato!

Mari. Para mim é o de um príncipe.

Gabr. Também dir coisas bonitas! e donde foi ajuizar
der isso, Senão lê nos livros?

Mari. Eu sei... Então?

Gabr. Faça-se a vontade a quem merece todos os sa-
crifícios (vae a pór a gravata)

Mari. Assim é as noivas!

Gabr. Verdão.

Mari. (Virando-lh'a) Assim é que é - Quer pôr?

Gabr. (Quasi de olhos) Em acto de adoração: A noiva
deve ser esta a posição dos amantes apaixonados...

Mari. (Burrindo) Que m'põe a gravata do noivo?...
2 F. 11

Scena 4a.

Gabriel, Maria e Matoso.

Mat. / Surprehendendo-os / Ora opa... A vontade! Logo
não pucha Cadeira, m'gular, ^{agreste} posição e sim é mu-
to incommoda.

Gabr. O velho! } nasce a B
Mari. Hi! } / aliam-se /

Mat. / Descendo à scena / Quer um espelho para se virar
melhor? / outro tom / Já é descendo! e aqui me
nas bochechas da autoridade de C. da Casa. me
Sou eu, na ausencia do Sr. José Antonio.

Maria Não era nada mau, Sr. Matos.

Mat. / Maliciosamente / Era bom, gostavam...

Gabr. Funha-me esta gravata...

Mar. É verdade. Funha-lhe aquella gravata.

Mat. É o Sr. o que fazia? Ella funha-lhe a gravata...

É o Sr. Permetta-se para ella.

Gabr. Essa malicia é mal cabida aqui, é injusta.

Maria é uma menina honesta.

Mat. Não digo menos d'isso / A parte / Mas vêa Sr. Gabr. por um fúmil.

Gabr. É a minha dignidade...

Mat. / Notejando / Et tua...

Gabr. Dignidade não. o Artista é um Cidadão.

Mat. Nota bem... Contigo não se dá esse caso agora.

Gabr. A ley é igual para todas.

Mat. És Cidadão, mas ja não és Artista.

Mar. Não é Artista?

Mat. Desde Setembro ultimo pertences ao Serviço Nacional e Real.

Mar. Serviço Real? Isso deve ser...

Gabr. A nossa desgraça!

Mat. És refractario...!

Gabr. Quem me sorteou?

Mat. Não fui eu. Isso é lá Com elles. A nota ja não quem tra nisca. / em voz de Commando / Homens d'isso

com Aquidissimo

los frente, marche! Estás na fileira meu rapaz,
ei Soldado.

Scena 8.^a

Gabriel, Maria, Matoso e Polycarpo.

Polyc. Soldado! O Gabriel tu queres se sentar ymca?

Maria Meu Deus!

Mat. Cahio-lhe a sorte, que remedio.

Gabr. Sou refractario.

Polyc. Quem f'o disse?

Gabr. O Sr. Matoso e quem deu a noticia.

Mat. E' um facto.

Polyc. Não pode ser! tu ypretences a officina, ei nojo,
Guarda. Ser Soldado, digo-t'o eu, dil'o o teu irmão.

Maria Tem razão o Sr. Polycarpo. O Gabriel não pode,
não deve Ser Soldado.

Mat. Agora que remedio.

Polyc. Que remedio?!

Mat. E' a ley...

Polyc. A ley e' o Dinheiro! Tu ypodés dar um homem forte.

Mat. Custa Cincoenta libras... sobre F

Polyc. Vale muito mais um Amigo! / reflectindo / E' verdade de
que vale... mas Cincoenta libras, e muito duvidoso
no... e um pobre operario como eu... como nós
somos...

Maria Cincoenta libras! Quanto e' Cincoenta libras?

o. v. g. / Com desalento / Eu Sei! É uma Conta por ali além.

o. v. g. / Não se castimem. A vida Militar é como qual-
quer outra. ^{na a. 2} F. 2. 4

o. v. g. / Está Claro que Sim. Já agora o que não se pode
remediar, remediado está - e Cara alegre, que...

o. v. g. / Qual Cara, nem qual historia. at modo que está
postando muito, da Chalaca?

o. v. g. / Eu? Não metto para ahí frego nem estôpa.

o. v. g. / Guidei... / Pausa / Gabriel acceditas na minha
amizade? ^{des. ca. 2}

o. v. g. / Não se pergunte isto Polycarpo -

o. v. g. / Muito bem. Sou enfeitado como tu és; tu fizes
uma coisa que nos distancia, tu aspiras a
um futuro, que não é este nosso futuro de trabalho
e obscuridade. Tens em ti o que é, que te
colloca superior ao commum dos homens, da
tua cephera; dahi Amas esta Kapariga, fura que
é negal'o, se é para bom fim o Amparo d'ella. Eu
nunca senti outro affecto mais que o da Ami-
zade que tad providencialmente nos uniu (isto);
e desde a roda dos enfeitados ate a Mulher
que nos amamentou a ambos e Servio de Mãe,
a officina que nos tutelou, e deu por graça de cada
dia o trabalho, temos vivido sempre juntos, alegres,
briotesas, tendo do commum para nós ate este

Com Meusissimo

momento, agora forem deparam-se nos dois
caminhos oppostos, é forcoso Separar-me nos: tu
ficas na Officina, ou Vou Sentar forca por ti, Com
uma Condicião forem, e é que, logo que obtiverdes
a quantia que a ley determina para Substitui-
ção dos representarios, esse dinheiro seja applicado
no dote de Maria.

Gabr. Tiveste o elogio das tuas virtudes.

Mat. (à parte) ^{deixa a H} stancia o fulgenci ^{Tio} Garvo.

Solyc. Está então tratado?!

Gabr. Não!

Solyc. Não me digas outra vez que não, Gabriel:

Gabr. Não.

Maria. ^{Uma} idéa! Não o Sr. Solycarpo, nem o Gabriel
são Soldados. A Sobrinha do Sr. ^{capitão} Alvarado
é muito minha amiga... ella é que ha de arran-
jar tudo pelo melhor. Tede ao tio; elle é muito
poderoso, e se quizer... Não ha que esperar um
momento.

Mat. (à parte) Outra que eu não preveni! alto! Vocês
estão para ^{deixar} ^{uma} ^{boa} ^{coisa} ^{ali}, a dizer umas tolices.

Maria (saindo) ^{deixa a H} Vou sim, depois depois.

Mat. ^{deixa a H} Váha cá! (à parte) Isto não pode acabar bem
alto! Oia, ^{psic...}

Gabr. Que impudencia! (Caindo)

10. Agora unobida - che. ai totai, hade fazer a bo-
nita, nao tem duvida.

Labr. Vae Comprometer-se
estat. / a parte / Gittano! Ah! veem ja os officiaes da
Administracao / indicando-se a Gabriel e a Polycar-
po / Bons Calculos faciam boess / para fôre /
e aqui.

Labr. Este homem parece regosijar-se Com a degrada-
aheia. Nao e' isto um Louco!!

Polyc. Para os pobres Como pad. Gabriel a decaraca
e Sempre uma realidade!

11. Acto 2.º Scena 9.ª
— Gabriel, Polycarpo, Matoso, um
— Condeão, officiaes da Administrac-
— ção do bairro, e um Analista da
— Municipal. —

Condeão / a parte - a Matoso / Receben a minha Cartinha?

estat. / idem / Recebi

Conr. / idem / Vim pessoalmente...

estat. / idem / Ter bem

Proprietario do estabelecimento?

estat. Na falta d' elle estou a' suas ordens.

estat. Procurava nos Gabriel da Condeação, capoto, que
trabacha aqui.

estat. / Indicando Gabriel / Ah! e' tu em Corpo e Alma.

em Aquidissimo

Solte. / A parte a Gabriel / Ajudas a entregar-te.

Gabr. / Com desespero / Maldito!

Solte. / Conselho / Aqui anda por força grande maroca.

Off.º / Derigindo-se a Gabriel / Trato grande do d'ordem
do Sr. Administrador

Solte. / Collocando-se entre ambos / Olá Sr. Officiis.

Gabr. / Challa-te.

Solte. / Quem vai servir por esse homem sou eu: e a mim
que deves prender.

Off.º / O ordem que trado e' para prender o Inspectorio.

Essa questão de substituição não e' Comisso.

Mat. / Levando-se de tolices / Sr. Gabriel / Já-precisa
a Muchila e por-te em marcha meu gatinho.

Escola Superior de T. Scena 10.ª

Os Mesmos e Gomes vestido a militar

Gomes / Quem e' aqui o galucho a quem o Sr. manda pre-
parar a Muchila?

Mat. / Oh!

Off.º / Sr. Gabriel / Lucina Acompanhar-me

Gom. / Daqui ninguém sae. Eu sou o pac. d'esse homem
este homem e' meu filho / Outro Kom a Gabriel / Não
Corre aos meus braços? / outro Kom / julga-se-
a caso, que o velho ^{no principio} ~~Administrador~~, não tem direito
ao respeito de seu filho.!

Gabr. / Tornando aos braços de Gomes / Quando te e' a Muchila.

Scena 10^a

Os mesmos e Gomes vestido à militar

(Movimento de surpresa. Gomes avança para Matoso que parece querer evitá-lo)
Gom - É inútil fugir. O bom pagador não se ~~decebe~~ nunca a estes saltos de contos. As minhas para consiço resolvei ajusta-las hoje, aqui, agora mesmo.
Mat. (aparte) Ora não poder um homem vir-se de umas arças numa occasião destas! ainda que fossem de pau!

Gom - Não me fuja senhor, mas me fuja. Dêhe que está na presença de um velho, que ainda tem pulso... A justiça dos homens accusa-o, e a de Deus, cuja acção omnipotente jamais deixou de se fazer sentir, ainda na mais perversa consciencia - condemna-o.
(Para da carteira uns papéis que apresenta) cutes poram que o julgue preciso saber a qual destes dois documentos devo dar credito: se ao que confirma a noticia que me deu da morte de meu filho, se ao que diz que elle está vivo; - se a esta certidão de obito, & falsa por certo, que me entregou ha pouco,

De a esta carta que recebi da sua mao
 conjunctamente com ella, pelo mais providen-
 cial dos acasos, e ^{me}alguem escreveu como para me
 revelar a mim que meu filho vive e qual o
 preço porque era fraga a infamia de mi'rou-
 baem dos meus affectos e de mi'o entregarem
 innocente ao rigor das leis que ^{publicam} ^{re}
 fractario. ^{apresente} Baud ve que sei tudo ^{e que e necessario que}

me ^{apresente} ~~onde está~~ meu filho
 (Gabriel) Leveira acompanhar-me ^{para} ^o ^{seu} ^{sol}
 da) conduzam o preso ^{Thomaz}

om - Preso! ^{quem} ^{queria} ^{prender} ^o ^{seu} ^{seu}
 (Kondo Gabriel de quem os soldados se aproxi-
 mao) ^{Thomaz} ^{homen} ^{em} ^{meu} ^{filho}

abr - Lancando-se-the nos braços) Meu
 pae.

om - Filho da minha alma! ^{meus} ^{meus} ^{meus}
 (Reijando-the as mãos) Via-o nas ^{meus} ^{meus} ^{meus}

abr - ^{sonhos} ^{meus}, sentia-o na minha ^{fantasia} ^{meus} ^{meus}
 agota aperto-o nos meus braços!

om - Não se morre, de alegria!
 abr - Mas quando se é infeli toda a
 vida até se cheya a perder a consciencia
 dos proprios actos em momento de tanta be-
 licidade.

(segue scena ultima)

Vol. Poly - ...

toda a vida, perde-se a Consciencia, dos primeiros actos, em momentos, de tanta ventura!

Scena ultima

Os Mesmos e Jose Antonio Segui
do de alguns operarios.

J. Ant. Dizeram-me que a policia me procurava.
Sucedeu alguma coisa. / Xica, a esquerda fallando
com o nuncio

o. fat. / Ao Escrivão / O homem viu a sua carta. Foi-lhe
por engano juntamente com a certidão.

Esc. isso é para rebentar.

o. fat. Pois rebente você, que eu não tenho tempo.

o. fat. / Gabriel / Os mesmos tracos, as mesmas feições!
e pensava eu, que mi'as tinha apugado de
tudo da memoria a mão da morte. Que

que humilde Condicção te venho encontrar meu
filho / aos que estão na scena. / Meus senhores....

o. fat. Que vai fazer?

o. fat. Vingá-te.

o. fat. / Maloso - e da ^{fugir} Escrivão que querem / Para trazer meus
amigos, faz muito frio lá fora.

o. fat. Ha vinte annos que o meu amor de que é
illudido; ha vinte annos que...

o. fat. / supplicante / Senhor!

o. fat. / idem

com o mais pino

Mat. / A' parte / Affirma a Cantiga Alia's, atá' vau-se
d'aqui directinhos para a Cadeã.

Mat. } Supplicantes { Senhor!
Esc. }

Gom. Que significa esta Carta? que vai esta Cortidã?

Mat. / A' parte / Anda, anda.

Escr. Senhor!

Gabr. Meu gae!

Gom. Intercedes em favor d'estes desgraçados?!
Como elles se rogam? Assim faz a Cobra, que
cõther mais de subito o viajante. Como estã
estes miseraveis, rogam-se para obterem a libe-
rtade, para illudir a Ley, para nos ilu-
dir a nós, imploecendo a nossa piedade!
Mas a tua invocação é Sagrada... E sabes
tu que a esses homens deres o Teu apoio
na roda dos enfeitados? O meu filho enfei-
tado! Um gae não pode, não deve perder-se
affronta! Seria fraquesa! Quem sabe domar
as vagas - vencer as tormentas, dominar os
elementos, não levanta estes homens, es-
ga-os. Fora d'ahi! Tenham ao menos
audacia da desvergonha, não alieem a
vadez a Hypocrisia! Maloso e o escrivo levantã
se alerrados / Fora! Olá! Tu da policia, se

nhores que ahí estão.

Labr. É o que serve a desgraça de Alguem à ventura
que nos liga n'este momento?!.

Lom. É a ley que os yuaes.

Labr. Piedade!

Lomes. Não a tiveram Contigo, não a terci Com
elles. Saibam todos / Gabriel lanca-se-lhe
os braços e tira-lhe os papeis que provam a Crimi-
nidade de Matoso / Lomes terminando a phrase
n' um transporte d' alegria, diz com enthusiasmo / O que
é Ser yuae !!!

Mat. É o que é ser-te a gente entre a Cruz
e a Caldairinha.

Lom. ~~Anda a yuae yuae, yuae te, yuae Brim...~~
~~Não yuae.~~

Spanno desce lentamente

X 11

Fim do primeiro acto.



Lom. Aquidissimo

Segundo acto

Gabinete mobilado no gosto antigo;
Portas lateraes e ao fundo praticaveis pa-
ra o terraco do jardim que deve estar
iluminado; um piano a direita, me-
ias, cadeiras &c

Scena 1^a

(Gomes vestido a militar, D. Catha-
rina, Laura, Mesquita, Gabriel, o
primo Joao, o primo Antonio, parentes
e convidados formando grupos em re-
dor do piano e applaudindo Laura que
tem acabado de executar uma pecca de
musica)

Mesq. *Maravilhoso!* Superior de Teatro e Cinema

Primo Joao & *Surprehendente!*

D. Cath. A musica foi sempre os meus enlevos...

Laur. Nao me envergombem.

Gab. A modestia e attributo que o verdadeiro
merito raras vezes dispensa

Gom. *Quito bem.* Agora passemos ao jardim
Convida-nos para alli a passar bella noite
da minha vida (aos cavalheiros) Vamos (A
Gabriel) De o braco a sua prima (Cham)

Scena 2^a

Gomes e D. Catharina

D. Cath. *Está satisfeito?*

Gom. *Quintissimo*

D. Cath E nenhum dos nossos parentes falhou!

Gom Nada isso com prazer

D. Cath Antes assim

Gom Desafoga-se em alegria o coração, quando se saldarem contas desta ordem. Pago no filho a divida contratada com a mãe. Não se dirá ao menos que elle foi o herdeiro da desventura da pobre senhora, a quem talvez abreviasse os dias da vida a idéa do abandono e da deshonra

Cath Que remediam agora essas recordações tristes?

Gom Nada. Bem o sei. Mas o filho, Gabriel, hei de elevá-lo até aonde chegar o meu valimento. Restituir-lhe o nome que lhe pretencia não é bastante, é preciso dar-lhe posição digna. Elle tem merecimentos para muito. Ainda esta manhã fiquei maravilhado de o ouvir Boa leitura, juizo atilado, comprehensão maravilhosa. (Musica dentro)

Cath Que?

Gom É a Mesquita com os rapazes... uma orchestra de familia

Cath Tenho notado em Laura certa predilecção por elle

Gom Pobre coitado! Não fura paredes

Cath Sei que essas afecções nada significam; entretanto bom é evitá-las a tempo e...

Gom Hoje mesmo. A minha idéa é reuni-los aqui e dizer-lhes o que havíamos combinado

Cath Justo, e assim como quem os quer consultar.
Com Isso.

Cath Mas sem th'o dar muito a conhecer...

Com E' o caso. E participa-se logo tudo aos parentes para evitar reflexões

Cath E para os collocar, como usa dizer-se, entre a esquadra e a parede

Com Rapares não se levam de outro modo. Vamos para o jardim. Aquella festa é tambem a nossa (Páem)

Acto 3^a

Paula e Maria

Paula Não te parece que contrasta bem singularmente com a nossa tristera a alegria dessa gente.

Paula Verdade que sim. Desde que o sr. Gabriel veio para casa nunca mais teve alegria a minha menina.

Paula Esse homem é o instrumento da minha desgraça

Paula Jesus' menina! Que diz?!.

Paula A verdade.

Paula Aposta-me. Pois...?

Paula Vejamos Francas, Maria, eu tambem diviso em ti signaes lugubres da tristera que te magõa; sei que a nossa fragilidade é que nos accusa. (apertando-lhe affectuosamente a mão) Esta pulsação agitada; essa dôr intima que mal reprimidas lagrimas denunciam, são-me familiares; reconheço-as, sinto-as,

adivinhá-las... Porque devemos negar isto
que é tão visível?! Tu amas:

Mãe Eu!...

Spaur O coração não te dá esta vez, minha amig
ga. Surpreendi-te, mas não divulgo o
teu segredo, ~~que~~ ^{que} ele é também o meu.
Esta comunicação espiritual deve ^{fortificar}
~~no~~ o animo e dispor o espirito para a dis
simulação, porque é preciso dissimular a
nossa fraguera. Assim o que ^{esta} exige a socieda
de. E ella tem direito ás nossas alegrias. Por ella
trajarmos estas galas, trazendo cá dentro o
berto de ~~luto~~ o coração. Estas pequenas chime
ras, no dizer d'ella, são atmosferas imperceptiveis
que se desfazem no ambiente balsamico dos
salões. Lá é tudo convencional. A verdade
sem atavios não é para allí. Aquella gente é
de marmore e o seu bello ideal é o ouro que des
lumbra. Estas lagrimas, esta dor, são ^{pequenas}
nudas indiscutiveis, affecções pueris que se per
dem no estio da vida, ligeiras nuvens, que
nem pressunciam tempestade, nem deno
tam bonança. Portanto a sociedade é ^o
demais para que busquemos ^{em} ella achar le
nitivo ^o ao nosso mal. Prefiro ^o teu coração. O
teu espirito delicado não está ^o prevertido e
deve comprehender toda a estercão da mi
nha dor. Invejo a condicão humilde da cos
tureira, a ingenua pureza dos seus costumes,
a vida obscura que ^o occulta á avider ambiciosa.

das paixões vulgares

Mar Não sabe por certo o que é ter por futuro a fome,
a miséria por companhia, o trabalho por
obrigação...

Laur Sei o que é a condição desesperada da
mulher que tem de aceitar por marido o
homem a quem não pode amar...

Mar (Com alegria ^{com parte}) Não o pode amar! (Puto ^{com parte})
Ainda te illudes pobre coração!

Laur (Continuando) O homem que mal viu uma
vez e que detesta e aborrece já de morte!

Mar (Despeitada) Que mal lhe fez elle?! Pobre
rapaz. Não o amas é diferente, mas queres-
lhe mal...

Laur Tu amas Gabriel?!...

Mar (Emleçada) Eu não o amo... Era-lhe affecio-
ada, isso era, mas...

Laur Namor, a affecção é já um passo para o amor

Mar Pois a gente não pode estimar uma pes-
soa sem essa idéa de amor?

Laur Aquelle refractario por quem me pediste
uma filha. Podes negar isto?!
Mar (Afflicta) Posso, devo negar-o! Não me importo por
quite nada, por Deus th'o peço! Nada tenho
com o primo da mesmna. Elle é livre, é
poderoso, é feliz, deve ser feliz, é rico...

Laur Compreheendo... Tu és pobre...

Mar Não, não é isso! (Com desespero) O que fui
dizer!!

Scena 4^a F²

Laura, Maria e D. Catharina

Cath (A Laura) Esqueceu-se de que estavamos no jardim e que promettea a seu primo uma contradança?!

Laur Agora mesmo ia...

Cath Ha mais tempo que lá devia estar. Andar-se a metter pelos cantos num dia d'estes e des gostar seu tio e contrariar a minha vontade

Laur (Meigamente) A minha mãe perdôa?

Cath Se a emenda corresponder ao delicto, perdôo

Laur (Beijando-a) Não de corresponder (Dirigindo-se a Maria e apertando-lhe affectuosamente a mão) Pobres mulheres que somos.

Cath Menina! Vamos. (A ^{f. meio} orchestra executa dentro uma waltz propria para recitar)

Scena 5^a

Maria, só.

(Ressentimento e ciúme) Não dançar com elle!
(Pausa) Restava-me ainda esta prova. É a mais terrivel de todas. (Outro tom) Dantes até receiava que o vento não levasse - se elle era a menina dos meus olhos - agora hei de vel-o nos braços de outra mulher e hei de fugir para que me não encontre no seu caminho, e diga a quem que a pobre costureira Maria, a pobre rapariga levantada da rua pela caridade, põe olhos ambiciosos no homem que a amou, quando igual

a ella pedia ao trabalho o pão de cada dia
(ouve-se dentro a voz de Gabriel; Maria corre
instructivamente a janella) Ede. (Como deses-
pero) ^{Para} Gabriel nos braços de Gabriel, dançando
juntos! A minha amiga no lugar da mi-
nha rival, no lugar que me pertence, que era
meu, que nunca cedi a outra! Não pode ser.
Não separal-os (Pausa) Não posso! Não de mim: des-
honrava-me e humilhava-o a elle. Antes fugir
... Abandonarei esta casa amanhã... Ainda
nada não, hoje... E porque não ha de ser já?!
(Sabida falsa) Era o ciúme... Maldito ciúme!
Nem me lembrava ^{já} da velhina que me
servio de mãe e que por meu respeito receberam
por esmolla nesta casa! Sa-lhe fechar as por-
tas deste asylo. Fico, fico: dividas destas não
ha gratidão que as pague.

Scena 6^a
Desce 2^o
Maria e Matoso ^{meio}

Mat A porta do jardim estava aberta, entrei/
Reconhecendo Maria) Olá! O' Maria.

Mar O sr. Matoso...?

Mat A necessidade é que mete a lebre a caminho.
Ouve cá!

Mar Se o sr. Gomes o vê aqui... Elle está tão zanga-
do com o sr. Matoso.

Mat Deixa-te de espantos. Preciso fallar ao Ga-
biel. Dize-lhe... não... entrega-lhe isto

Mar Mas... ^(dando-lhe um aceso) F

sobe

Mat Vem gente. Adeus. Passa 2

Mar Olca...

Mat Viva (De passagem) Bonitas cadeiras. Não deve
sem custas baratas (observando o reposteiro) Braca
tel de seda! Caspita (Sae) B. C. M.

Mar (Satinado pela D) Parece Louco.

1ª Cera 7ª

Mesq Esquita, o primo João e primo Ant.
Mesq Mãe! Não me facam larvas!

Antº Que supplicio!

João Que derrata!

Antº Tu a toques...

João E elles a dancarem

Antº Tomaram-te de apalto a praça

João E a suprema apronta

Antº Caso para duello

João E vinha a proposito porque já ha tempos que
não janto no Matto

Mesq Querem duello? Seto-hão. E, omieu bello
ideal (Com seriedade comica) Bato-me amanhã
Posso contar com vocês?

Antº Com o nosso sangue, até!!!
João

Mesq Obrigado. Agora safem-se

Antº Nales tratar do testamento?

Mesq Vou tratar da minha vingança

João Ca te vamos risar por alma

Mesq Tacam favor de se porem ao fresco...
(João e Antº saem rindo)

Scena 8^a

Mesquita e Matoso

Mat (vem para entrar, mas como vê Mesquita escondendo a chave do reposteiro) Ainda cá estava este!

Mesq Patetas! Não veem que p. de trar de tudo isto está o dinheiro, e que é por elle que me bato e não por ella que é uma mulher como outra qualques

Mat (aparte) Tem sui juizo este rapaz!

Mesq O duvido trar consigo o escandalo e certo ridiculo que não se me dá de afrontar casando com a prima. O casamento é o final unico de todas as farças d'este genero.

Mat (aparte) Ha de fazer fortuna este moço!

Scena 9^a

Mesquita, Matoso e Laura

Laura Estimo encontrá-lo, primo

Mesq Também eu. Precisava significar-lhe o meu ressentimento

Laura Offereço-lhe essa linguagem?

Mesq É um desafogo justissimo

Laura Nega-me então o Direito da defesa, para me accusar sem me ouvir?

Mesq O sui procedimento está julgado Prometteu que não dançaria com seu primo, com esse homem de quem nem me atrevo a pronunciar o nome!

Laura E dançei

Mesq Ergo...

Laur Existe uma vontade incontestavel e superior a minha.

Mesq Não cumpriu o que prometteu

Laur Obedeci a quem não podia faltar

Mesq Peior ainda: prometteu o que não podia cumprir

Laur Deveria prever a vontade de minha mãe nem apumto em que nunca m'a havia imposto?...

Mesq Esse nunca é a sua justificação: Diz tudo É'voz publica que o tio a quer casar com esse homem, e mais ainda, que esta noite se ha de participar isto a todos os parentes.

Laur Sem me consultarem?!

Mesq A voz publica não sabe se a prima foi consultada.

Laur Pois acredita que o fosse?... (outro tom)
Os homens são sempre injustos...

Mesq Quando amam, porque os cega o Deus vendado. Faço-lhe porém a justiça de crer que a prima não subordinaria a sua vontade

Laur Nunca!

Mesq Devia sabel-o (outro tom) Perdôa?

Laur Não tenho que perdoar. Invoque o tribunal da sua consciencia, julgue-se a si proprio

Mesq D'ele appella para o seu coração

Laur Não nos... está perdoado.

Mesq. Recebo a absolvição Outra cousa. A respeito dos projectos do tio, qual é a resolução da prima?

Laur. Já a deve saber. Qual me aconselhava?

Mesq. Resistencia tenax, invencivel...

Laur. Era o meu proposito

Mesq. E no ultimo extremo...

Laur. O convento

Mesq. Isso pretense a velha escola Para grandes males, grandes remedios Tenho lá em casa um bom revólver a que não ha pai não que resista

Laur. Jesus! Que loucura!

Mesq. Não tem duvida. O mais que pôde fazer é cuidar-lhe da alma, por mim já lhe resei as encommendações do estylo. Pelo menos va ro-lhe uma perna: sempre quero ver entao como se ha de um coxo metter em danças

Laur. Um duello!

Mesq. Mil duellos eram poucos para a vontade com que lhe estou

Laur. Mas isto é uma loucura

Mesq. Não ha tal. É o acto mais serio da minha vida.

Laur. O primo não ha de fazer tal tonteria O duello é uma suprema afronta para a humanidade; far lembrar o barbarismo dos sacrificios humanos, é uma redicula velheria Hoje que a perna substituiu a espada, os duellistas passaram ao dominio da historia + pretensem a velha escola, como e praxe dos seus se punem ultros

~~que com crimes; aos que se desafiaram com o sangue de seus irmaos e assim perpetuam a tradiçao de Ham; o primeiro fratricida, chama a sociedade maldados e assassinos~~

Meg (observando que alguem se aproxima) Continue que o auditorio vem chegando

Lauz (aparte) Gabriel! ~~Estas~~ O seu braço ~~estava~~ os seus irmaos, primo. Acompanha-me ao jardim?

Meg Até aos confins do universo (Da-lhe o braço e aparte) Outra vez será Ha mais maris que mari-uhiros. (Idem)

Scena 10^a

Gabriel e Polycarpo

(Polycarpo traa uma sobrecasaca que não é a que devia servir ao seu corpo. Chapeo disforme; luvas de algodao verde, calca preta deixando ver meio canno de bota, gravata azul, gran de leuco branco na algibeira da casaca, que tras muito aberta para se tornar bem visivel o colete, que deve ser extremamente cumprido; um malinquer na casa da casaca)

Gab ^{aa} Ainda bem que apparecesse!

Poly Estive arranjando esta bizarrria toda. Que tal? Da' nas vistas?! As botas é que me apertam um pouco e o casaco far-me assim a modo que umas cocegas de baupo dos braços.

Gabr Isso é falta de habito

Poly Qual?! Habito demais tem illa (Mostrando a grande roda e largura). Para dois, e á vontade

chegava ainda

Gabr Pois vem comigo a guarda roupa e
talvez que lá se encontre coisa que te sir-
va melhor

Poly O que?! Pra q'pa! Lá esta não deve nada
a ninguém. Ganheira, não quero outra

Gabr Esta bem não te offendas por tao pouco

Poly Eu não venho cá vestir o teu fato, Ni-
nho dar-te um abraço e encher-me de ale-
gria pelos teus augmentos. Pra o meu ja
Abriel. Que moestão, que raparola! Venha
de lá esse abraço (Abraça-a) Estás um fidal-
go... a quem Deus promette não falta, é
bem certo. Ainda bem que te vejo feliz...
Mas que é isso?! Não respondes! Estás
embuchado, homem! 15

Gabr Revia-me no papado, porque me parece
ainda um sonho tudo isto.

Poly É o que nós lá dizemos na officina. Parece
um sonho... É verdade, saudades dos rapa-
zes e este ^{mais} abraço ^{ainda} que elles te mandam (Abra-
cando-o) Deixaste allí um lugar que não é
para as barbas de ninguém!

Gabr Obrigado

Poly Bom companheiro e bom amigo como aquil-
les que o são... Que tolice, não me ia enter-
necendo agora! Também os olhos não se
fizeram para outra coisa. São mialva-
dos é que não choram, porque tem coração
de pedra

Gabr Diz aos meus amigos que os hei de visitar
um dia, que a fortuna me não afastou d'elles.

Poly Isso e' velho todo te conhecem e... Não nos
poder: como nae aquela pessa que nós
sabemos... Sempre quero ver agora como
voce se porta com a rapariga

Gabr Ainda a não pude ver desde que estou
aqui.

Poly E' boa! Niverem na mesma casa e não
se encontrarem nem se fallarem ainda!

Gabr Não parece natural mas e' um facto

Poly Pra q'ça! E tu porque a não procuras?

Gabr Tento notado ja que se esconde de mim.
Talvez se acanhe por eu ser filho da casa
aonde ella está como sabes...

Poly A servir... Não e' isso...

Gabr Não e' bem assim

Poly Não, não pôde ser! Com a breca! O Gabriel
tu despreras a rapariga porque e' pobre?

(Puve-se dentro a voz de Gomes)
Gabr Meu pae!

Scena 11^a

Gabriel, Polycarpo, Gomes, D. Catharina e Laura
Gom (Para as senhoras) Estava com o seu amigo
(Para Gabriel) Andavamos a tua procura

Gabr Vinha vindo receber este amigo e ia agora mes
mo apresentar-lhe'o

Gom Tento idéa d'elle, alem d'isso recebo sempre
com prazér as pessoas que te são afeiçoadas

Gabr E' amizade de infancia, quasi um irmão

Gom (Procurando outro assumpto) Bem, bem...
Comprehendo o resto. (aparte) Pobres rapazes!

Gabr (A Polycarpo) Minha tia e minha pri-
ma

Poly (Comprimentando as senhoras e aparte)
A Maria não me apresenta elle th.' moço
to, que me tens que ouvir.

Cath E' um moço muito jovial

Laur (aparte) Parece um espartaco de figueira

Poly Meo não, minha senhora Tielão é que eu sou

~~Cath~~ (Sorrindo) Que simplorio!

Gabr (A Polycarpo em tom reprehensivo) Não digas bobices

Gom (A Gabriel) Precisavamos fallar-te particularmente

Gabr Meu pae manda (A Polycarpo) Espera-me
no jardim

Poly Comigo não facam cerimonia. Fallem d'ou-
tade

Cath E' um original, este rapaz

Poly O' Gabriel ouve cá (Baixo) Oha que temos que
fallar a serio Não quero que te facas impostor,

~~Gabr~~ Nemos, e estás-me a offender. ~~Comprehendo~~

+ ~~Poly~~ Meus senhores (Baixo a ~~Polycarpo~~ a Gabriel) Até logo.

~~Poly~~ ~~Gomes~~, Gabriel e Laura

Gom Vamo-~~me~~ ^{tratar} occupar de ti e do teu futuro, meu fi-
lho! (Pausa) Hoje reuni os meus parentes para
te apresentar a elles. Amanhã ~~na~~ a sociedade
ha de reconhecer-te como filho legitimo
do capitão de fragata Gomes e Ferreira da
Cunha. A este appellido, que herdei de meus

paes antepassados andam aliadas tradições
de seculos que tuo has de perpetuar com o
mesmo esforço, com a mesma honra com
que busquei mantel-as.

Jabr Esforçar-me hei por corresponder á sua em
fiança, meu pae

Bath É a resposta de um cavalleiro: ufano-me de
thã ouvir meu sobrinho

Jom O sangue dos Gumbas nunca degenerou,
retemperado no amor da patria foi sem-
pre o mesmo, em cem gerações que o sentiam
nas veias! e as revoluções sociais não destroem
os pergaminhos destas nobres e legitimas,
porque em todos os tempos, as virtudes mo-
raes e civicas, que os dotes do coracão real-
cam, foram respeitaveis distinctivos do
homem de bem. Meu filho, arrantã
ser-te ha entregue o alvarã de legitima-
cão; receberás com esse documento a ben-
ção de teu pae e os sagrados deveres a
que ella obriga; serás o chefe desta
familia; o representante desta casa, por
que eu já estou cansado, e a leme d'isso
pretendo mais, ao meu navio, ao meu
posto, á minha patria, que a estes
santos ocios que ornamentam o san-
tuário da familia vida domestica;
esta menina é minha sobrinha, orphã
desde creança; e é a minha filha adop-
tiva . . .

Gabv= Sera' minha uirna.

Bath= Preferia - nos antes que... que fosse sua esposa.

Gom= São laços mais insolúveis, vinculos mais sa-
grados.

Gabv= (A parte) Qualquei que a felicidade não era
uma necessida para mim!

Laur= (idem) Se elle aceita!...

Gom= Que respondem? ~~leu a...~~

Bath= Ora que has de responder? Entre países epi-
thos não ha mais que uma do vontade!

Laur= Mas o primo ainda não disse?....

Gom= Se essa é a duvida decerto está tudo resol-
vido

Bath= (Lancando a Laura um olhar reprehensi-
vel) Pois admittes duvida isto?! Vê, ma-
no, banya os olhos e cora. Bem lh'o disse
eu. Comigo succedeu o mesmo, quando des-
pisei o general e mais elle excedia-me trin-
ta annos em idade... Em pontos destes,
quando as raparigas coram, está concluido
o negocio, e casamento feito.

Gom= (A Gabriel) O dever é sempre Superior á
vontade para os homens de bem. (Enla-
cando as mãos de Laura nas de Gabriel)
Que a felicidade que os aguarda correspon-
da á alegria que neste momento ^{me} fã bratar
o cordão do velho marinho! ~~palada de de-~~
marquias e morte do ~~marinho~~.

Bath= As nossas aspirações...

Gom= Enem presentimentos de felicidade.

Bath= Devemos esta noticia dos nossos parentes.

Gom= Vamos dar-lh'a (Saem)

— Scena 13a —

Laura e Gabriel

Laur. - Fraguera de mulher! Não teve uma palavra para oppor a tyrannia, uma palavra para rebater o arbitrio (comigo)

Gabr. - Esta felicidade apparente chegou-me a fascinar! (idem)

Laur. - Devo declarar-lhe tudo, desenganaf'o. (idem)

Gabr. - Isto não pode ser assim! (idem)

Laur. - Parece que me quer dizer alguma coisa! (idem)

Gabr. - O que tem de ser seja (alto) Prima.

Laur. - Primo.

Gabr. - (A parte) Não me abarro.

Laur. - (idem) Não sei como th'o hei de dizer.

Gabr. - Há coisas mais fáceis de sentir que de dizer.

Laur. - Certamente.

Gabr. - Por exemplo neste caso.

Laur. - (Sem interesse) Sim, neste caso.

Gabr. - Neste caso.

Scena 4^a

Gabriel, Laura e Polycarpo

Poly. - (a Gabriel) Ah! Procurava-te. Com sua licença minha Senhora (Trahendo Gabriel de parte) Sei já tudo.

Gabr. - Vieste a propósito

Poly. - Para testemunhar a tua vergonha. Casas com ella, com tua prima, com aque' tem dinheiro e depressas a pobre; aquella a quem deste palavra de casamento?... Sei tudo e venho, oh! com a breca, venho dar-te os parabens...

(Apertando-lhe vivamente a mão)

Laur. - Succedeu alguma coisa?! Esta' tão agitado!

Poly. - São cá' outras contas mais de ajustado com

seu primo, que antes de ser primo da mesina
foi meu companheiro de trabalho, meu irmão,
porque era como eu enfeitado e polido.

Laura - Cumma questao istissima e a que devo ser
estranha (Sabida falsa) etc.

Gabri - Não se retire puzinha. Preciso de seu testemu-
nho para me justificar (Draio a Polycarpo)
Explicia-lhe agora o caso. Estas de fora e
fallas por isso com mais liberdade. Anda,
diz-me este grande peso de sobre a conscien-
cia.

Poly - (Estupifacto) Entao não estavam combinados
para se casarem?!

Gabri - Não.

Poly - Que grande peccado de asno que eu sou!

Laura - (A parte) Fallam draio. Não sei que pen-
se de tudo isto.

Poly - E seu pae?

Gabri - Não me atrevi a contrariar-o.

Poly - Fresta mais. Estas coisas são muito seri-
as e tratam-se frás frás, queijo queijo, jogo fran-
co e postas na mesa.

Gabri - Falla-lhe.

Poly - Falla-lhe tu. Quem tem boca não manda
abstinar. Tu agora é que hei de ensinar o
Padre Nôso ao vigario? Anda expli-
ca-te (concluindo-o ao pé de Laura)

Gabri - Prima.

Poly - Secundo, tercio. Va!

Gabri - Creio que lhe não foi agradavel a proposicao
que ha pouco nos fizeram

Poly - Muito bem.

Laura - (Com abajuro...) E não a aceita por sua

parte?
Poly- Esta visto que não

Lau- Desempenha-se então do compromisso que nos impuseram?

Galu- (Titubando) Sim... eu... sim

Poly- Sim nas duas coisas são. Tu vae daqui dicitinho ter com teu pay e desdizer. ^{se} se disseste alguma coisa, e se ao contrario para aki não meteste prego nem estopa, pois - he tu do em pratos limpos, ^{por} mas que... sim digo eu na minha, ~~que~~ isto de caramentos e mortas-lhas no céu se falham.

Lau- Ge'afinn: Instituto Politécnico de Lisboa ^{sempre}

Poly- Pois assim e' que e': a verdade anda ao cima da agua

Galu- Acerto o teu conselho.

Poly- Bem, ca' lavo dois tentos. Faltta agora me-ter outra lamma em Aluvia, onde está Maria?

Galu- Não sei.

Poly- Sei eu; vou procura-la. E verdade (para Laua) a menina tambem deve ir explicar-se com sua mãe.

Galu- Sim, a puzna...

Lau- A proposito ahivenda a mama; vou saber-me do encontro (Lae)

Galu- Devo-te muito Polycarpo.

Poly- Safa! Estou cansado! Que batattha!

----- Scena 13 -----

Gabriel, Polycarpo, Mesquita, Primo João e Primo Antonio

Mesq- Derjava ^{em-me um a palavra} ~~fallar-me~~, não me lembra agora ~~uma coisa~~.

²
Estou ás tuas ordens

Gabr. ~~Gabriel Ferreira da Cunha~~

Poly. (A parte) A occiosidade de braço dado com a
Tasmira.

Mesq. Sr. Gabriel sabe quem eu sou?

João. (A parte a Antonio) Isso ha de ser bonito.

Gabr. Creio que me foi representado hoje por meu
pau. É o Sr. Mesquita.

Mesq. Exactamente e venho... Mas ser se vera?

(Inducando Polycarpo)

Gabr. Pode fallar... É meu amigo.

Mesq. Venho por por - the um buello.

Poly. Ora essa! A muro ou a caceite?

Gabr. Calla-te.

Mesq. (A Polycarpo) Não insulta-me?

Poly. Eu deito-o daquelle janella se está dis-
posto a banhar-se no sangue que lá es-
ta em baixo.

João. Não te percas homem. (Agarrando-o)

Mesq. (estrangejando) Não trazer comigo as minhas
frustelas.

Scena 10^a

Os mesmos e Matoso.

Mat. Perdias, perdias. Não fazem fogo ainda
(A Gabriel) O meu querido amigo eu es-
preo a resposta daquelle bilhetinho....

Gabr. Não sabe que é prohibião de entrar
nesta casa?

Mat. Sei, mas eu não entrei introduzi-me.

Enquanto estiverem no seu poder aquel-
les papeis não tenho descanço: posso de um
momento para o outro ir parar.... Bem sa-
be para donde eu posso ir parar!....

Gabr. Para a cadeia, já lá devia estar.

Mat. Encontro cá por fora: sutios de maiores culhões.

Gabr. Sim, sim, procure-me amanhã. (Para Mesquita) Estão as suas ordens.

Mesq. Aqui estão os meus padrinhos.

Mat. Váha não Deus pois isto vai assim; logo á do cabo (A Mesquita) O Senhor não me mate o homem antes de me dar aquelles papeis (A Gabriel) Vá se os tem ahí.

Gabr. Sal Senhor.

Mat. Ora a minha vida.

Poly. Na lá para a officina que temos umas cartinhas que ajudar.

Mat. ~~Os meus~~ guardemos bem guardados.

Gabr. Não me impaciente!

Mat. (A parte) Como canta de papo (alto) já me lembro (A Mesquita) O Dinheiro amanha e o dito dito, se eu vir o rapariga para cá, vá a mando para o escandalo.

Mesq. As suas testemunhas.

Gabr. Mas eu não sei ainda porque...

Mat. (voltando ainda) Perdão (A Gabriel) O the que aquella cartinha e a certidão: ^{então} papéis almoo e papéis fino da Abelhera Gabriel impaciente se estava uma campainha) Vae-mos mandar buscar. Ahu-ito obrigado.

Gabr. (Ao criado que entra) Acompanha esse homem até a sua.

Mat. Paciencia, sei que não mereço tanto rigor, mas não me comprometta! (Soe)

Scena 17^a

Gabriel, Polycarpo, Mesquita, primo João e primo Antonio.

Gabr. - Escribamos agora o que pertence de mim?

Moeq. - Não, não. Não um duello. *para*

Gabr. - Muito bem. Agora, e logo, as armas
e a rasão porque se quer bater comigo.

Moeq. - Não responder-lhe com a mesma comédia.

Agora, romper da Franca; e logo, a mesma
debaixo no jardim; armas, a pistola, rasão
deve saber-a. entre nós ha um lago de
sangue, um abismo que é a morte, para
quem o ousar transpor.

Poly. - (a Gabriel) É o frango que arrasta a ana
a sua primma.

Gabr. - Devia prever, lembra bem. Pois não
dizia que me acabaria de elle.

Jest. - (a Moquiuta) Lá está ella.

Moeq. - Aguardo a sua deliberação.

Gabr. - A minha deliberação está tomada e
accito.

Scena 18ª

Os Mesmos e Maria (precipitando-se na scena)

Maria - Não Gabriel, não accites.

Gabr. - Maria!

Jest. - (indo) A Sopeira!

Moeq. - Que vem esta mulher fazer aqui?

Maria - Queres oppor-te á sua felicidade?!
Promette não accitar o duello?

Gabr. - Qual duello?

Maria - Sei tudo. Era um desgosto.

Scena 19ª

Os mesmos, Gomes, D. Catharina, Lau-
ro e parentes.

D. Cath. - Lá estão elles.

Estes são os nomes dos personagens da obra.

Jom. Gabriel, meu filho. Tera primeira disse-nos
que te recusabas a aceitar a por esposa?

D. Cath. Necessariamente houve equivooco!

Jom. Todos os nossos parentes tem-vosham dar os
parabens....

Gabi. Aceito-os meu pae. Não tenho mais q' uma palavra

Jom. Logo vi que me nas deixavas ficar mal.

Gabi. A sua vontade é a minha (aperta a mão
de Jommes e vem depois tocar intencional-
mente na de Mesquita) Amanha nos
encontraremos.

Mesq. Não faltarei.

Poly. (Alfonsse) Ora esta! Entao elle.... (Lan-
ça a espada em q'uto; agrupamos todos ao
redor della.)

D. Cath. Minha filha! Accudado!

Mesq. Venci: já não seem lagrimas estes olhos,
mas o coração bate ainda!

O pranto desce lentamente

Terceiro acto

A mesma decoração do antecedente. Começa
a amanhecer. Deve-se bater cinco horas no
relogio da casa.

Scena 1.^a

Gabriel só

Ahonia fumeiro que tudo. Tomariam por
cobardia as minhas explicações. Não se da-
rei a ninguém... A ninguém, não. Não
as devo negar a Maria. Temo direito de lá
... Que terá julgado de mim? E não uma
queixa, não um reparo!!! (Olhando por-
ra dentro) Lá está o Polycarpo. Polycar-
po amigo, foi pontual e o serviço não o fazer
esperar (Dirige-o para o parolito, Mas-
ria surpreendendo-o da esquerda)

Scena 2.^a

Gabriel e Maria

Maria - Onde vas?

Gabriel - Maria!

Maria - É seu amigo da guarda quem me traz aqui.
Sei nome vas e deu graças a Deus por
chegar a tempo de evitar essa desgraça.
Sei tudo... ouvi tudo...

Gabriel - Socegue Maria. Essa exaltação faz-te
espagar as coizas mais tenebrosas.

Maria - Pois nega isto!?

Gabriel - Não.

Maria - Chamo que vas dar, Sr. Gabriel, negue - o
embora pode trazer o Santo a esta família
e abreviar os dias da vida a ser feliz,
que tantos benefícios lhe faz, e que é não

seu amigo. Creio que acima de quaesquer res-
peitos devem estar estes respetos, e a cima
de quaesquer deveres estas obrigações: quem
se prende em laços de tal ordem pertence
mais aos seus que a si proprio.

Galv. Entendo isso porque receia que eu vá para
o jardim, quando uma bella manhã como
esta, vem protestar contra os preguiçosos e
convidar-nos ao trabalho?!

Mari. Não sei responder-lhe, mas o que digo
é verdade. Não soceguei em toda a noite
e ha presentimentos que não falham: este que
eu sinto é um de pes. Mas não tem duvida.
Nega o que eu sei veridicamente, engana-me...
E a primeira vez que a opinião procede comigo...
ojala não seja a ultima (Não podendo se-
primir as lagrimas) Podes saber quando qui-
ser, já me não opponho. Não gosar a manhã
dos padrinhos devem talvez esperar o já na
alameda de baixo, são cinco horas, a hora
marcada. Porque espera?

Galv. Não me atribua mais!

Mari. Não vá! não vá!

Galv. É impossível!

Mari. Era entao certo? Não me enganava?!

Galv. Era. Decoração que ama, varias vezes se enganava,
e muito mais quando profetiza desgra-
ças.

Mari. O desgosto não mata...

Galv. De uma vez não. Vou nos desfilhando
lentamente. Quea Maria. Depois de
tantas e tão estranhas commoções, é esta
a primeira vez que nos encontramos juntos.

Sentia a sua falta e não me deliberava a
procurá-lo. Sobrava-me a vontade mas
faltava-me a coragem. A paquera era
minha. A sua presença aqui deve ser o
perdoar da minha falta. Meio. Bem haja.
Precisava de muito de si. Esperava como
me a ansiedade da saudade que desejá des-
fogar-se em confidencias mais intimas.
Precisava dizer-lhe que este fausto que
me rodeia, mas conseguiu iludir a minha
 vaidade; deslumbrava nos de fora, mas
estava-me a mim. Eu devia saber que
a herança do infeliz é sempre o infortunio.
Pretendem separar-nos Maria, collocan-
do entre a nossa affeição, a do Santa e pu-
ra, um dever que mal comprehendido, e
não sei que conveniencias de familia....

Abra - Que deve respeitá o Sr. Gabriel. Que me-
recimento tenho eu hoje para o merecer. Sua
 familia devia chamar-me ingrata se eu
 viesse lançar entre ella e o Sr. o pomo da
 discordia. Sou uma triste costureira, pre-
tendo ao trabalho.

Gabriel - Não, não Abria, pretense ao meu coração.
este affecto da infancia não se esquece assim,
estes reminiscencias não se apagam com
o tempo: a saudade faz-as reviver eternamen-
te em nossa alma.

Scena 3^a

Gabriel, Maria e Polycarpo

Polycarpo - Solemnemente entre portas. Cinco horas
e um quarto no meu calderão que regula
como a minha cabeça pelo da Estrella desde

que o comprei na Rua do Arsenal. Não,
nessa Maria!... Estava em um collo-
quio... (A Gabriel) Da' cá a tua mãe
(apertando-lh'a) É um homem de
bem.

Galu- Queravas-me lá muito?

Poly- Cheguei há pouco. Vamos.

Galu- (Naturalmente) Vamos. (Para Ma-
ria) Adeus.

Mari- Então sempre vai?

Galu- Deveres de honra não se addiam

Poly- Não estarei a entretê-lo a rapar. Que
tal está a seia!

Mari- Esta com muita preza Sr Poly-carpo.

Poly- Com alguma. Temos aonde ir.

Mari- Sim? E não pode saber se aonde vão?

Poly- Sim... humo... (a parte) O diabo.
(a Galu) Galla sabe?

Galu- (idem) Tudo.

Poly- Tudo! Esta agora tem que ver.

Mari- Não responde?

Poly- Ha... sim... Vamos tomar o fresco.

Mari- Também me queria enganar?

Poly- (a parte) Vi que ahi vai!

Galu- Que se ha de fazer agora?...

Mari- E diz-se amigo do Sr Gabriel?!

Poly- Ora essa! Eu não sou amigo de Gabe-
riel?! É capaz de m'io negar?!

Mari- Lou. Se o fosse, teria vitado esta loucu-
ra, esta desgracia! Mas o Sr é o proprio
que o está a acirrar.

Cena 4ª
Os Mesmos e Mesquita fêlo

(Fundo.)
 Mes- Sr^o Gabriel
 Poly (A parte) O outro
 Mes- Elle!

Poly- Accomode-se. Gaudes, sua. (A parte) Isto agora ha de ser bonito.

Gab- Pero desculpa-se o ser esperan. A falta foi involuntaria, mas estou ás suas ordens.

Mes- Precisava fallar-lhe muito particularmente.

Gab- Aqui?

Mes- Ou em qualquer outra parte. Como queira. O assumpto é dos mais intimos.

Poly- (A parte) Aproveito a occasião (Alto) Não retiramos já (para Maria) Ande.

Mes- E o duello?

Poly- Ande.

Mes- Vem ao menos lhe apertei a mão!

Poly- (Entre portas) Não me metto n'outro (voltando a scena) Precisa de mim?

Mes- (Apartando-lhe a mão) Simplesmente para o servir.

Poly- Muito obrigado (A parte) Como está amavel! (saí)

————— Scena 3^a —————
 Gabriel e Mesquita

Gab- Estamos só?

Mes- Veja bem não estejam por ahí servindo...

Gab- (Fechando todas as portas) Podemos fallar sem receio.

Mes- Muito bem (offerecendo-lhe charutos) Fuma?

Gab- Fumo cigarro.

Mary - Também trago, para o não chegar. Queira servir-se.

Galy - Agradecido
Mary - Aqui tem lume

Galy - É singular (a parte)

Mary - Deve estranhar de certo o tom familiar e amigável com que me apresento depois do que hontem se passou entre nós.

Galy - A cortezia é dever de todos, entre tanto noto uma tal ou qual differença no homem que me fallou hontem.

Mary - É no que se apresenta hoje?

Galy - Exactamente.

Mary - Devo - lhe portanto uma explicação e peço licença para lh'a dar.

Galy - Pode deplor de mim.

Mary - Sentemo-nos. Com franqueza o Sr. Gabriel galanteava a prima Laura?

Galy - Não indiscreta a pergunta.

Mary - Bem sei que não tem que dar satisfações a ninguém dos actos da sua vida interna, mas neste caso é differente.

Galy - Como affirmo?

Mary - Eu me explico. Em primeiro lugar o meu amigo sabe que neste mundo não quem anda para se perder; e então sendo o defeito de ser muito interessado, desculpe-me a franqueza, mas entre rapazes é affirmo que se deve fallar.

Galy - Mas a que proposito?...

Mary - Já lá vamos. O procurador de meu Atho, affirmou-me hontem sobre palavra de honra que verificado o reconhe-

7
cimento do primo Gabriel, minha prima
que era a unica herdeira do tio Gomes,
fua sem outro dote mais que a edu-
cação que se lhe mandou dar, e com
a qual decerto não levantará casas de
Solrado.

Gabr. Não comprehendo a que proposito
vem essa historia

Neog. Não se impaciente. Ora eu estimava
sua prima na presunção que ella tivera
de alguma coisa de seu, dando-se
este caso para a minha consciencia de
homem de bem...

Gabr. De.....

Instituto Politécnico de Lisboa

Neog. De homem de bem, ordena-me quem me
opponha a felicidade de minha prima. Pertence
se-lhe, e um direito que me não atrevo a
contestar-lhe, e sua, não th'a disputo, e
esta minha abnegação mereo alguma
recompensa, dando-lhe a sua generosidade.

Verdade
Gabr. Sem duvida que me expozta a sua ab-
negação (toca uma campainha)

Neog. Estou desgostoso de viver em Lisboa e
dejejava transportar-me si America, mas
é uma viagem dispendiosa... *Verdade*

Gabr. Certamente. *A parte* E inaudito!

Os Mesmos e Polycarpo

Poly. Entrando de pistolas em punho Ca' estas
as pistollas.

Gabr. Para que trazes isso?

Poly. Entao já não ha duello?

Neog. Não para la' isso.

Galer. Deix bem Senhor. Dos homens da sua lãia
não se desagrava a gente com uma arma
mas sim com um vergalho. Polycarpo nã
se ahi esta um criado que põha esse ho-
mem na sua (ouve-se dentro a voz de
Matoso)

Meoq. O agiota a quem apanhei os cobres! (Para
Gabriel) Meu Senhor.

Galer. Louca.

Poly. Ponha-se a andar.

Meoq. A palavras loucas e rebas mocas. Viva!
(Vae precipitadamente)

Poly. Não me explicaras o que quer dizer tudo
isto?!

Galer. Anda comigo. Preciso ar. Serã cinco que
a humanidade se haja prevertido tanto,
que tenha avanzado tao pouco no caminho
da moralidade?! ou serã uma mentira
toda a idea de civilização e de progresso?!

Poly. Quo estas tu para ahi a pregar?

Galer. Ah! meu bom amigo, meu bom Polycarpo,
tu sim, è que és um homem do bem (saem)

Scena 7^a

Matoso, depois Gomes

Mat. Diga-me que está aqui uma pessoa que
tho quer fallar, para negocio que não admi-
tte delongas. (Descendo a scena) Já levei
a noticia para os formaes. Amanha estara
tudo ahi que nem uma bomba e o homem
não tem remedio senão dar o repariga de
Solrinho para calar os bocos ao mundo.

Prom negocio fia em adiantar dinheiro ao
tal primo que tho arrasta a arã.

1805
3
Gom. Quem é a pessoa que... (reconhecendo do Mar-
tão) O senhor!...

Mart. Vem seu criado.

Gom. Pois atreveu-se a entrar em casa de um
homem de bem?

Mart. (A parte) Ora! quem ha de gabar a
noiva?!?

Gom. Saiba já daqui, senão quer que chame os
criados para o serem na sua.

Mart. Todas as idéas generosas teem tido os
seus Martyres. Conformo-me com esse orbi-
do destino humano.

Gom. Você não sabe?

Mart. Ora, supponha V^o Ex^a que seu filho está
neste momento entre a vida e a morte e
que o seu maior inimigo avista avisar
a tempo ainda de o salvar, o que faria a
esse homem? mandava-o por na sua?...

Gom. Que está dizendo senhor? Meo filho en-
tre a vida e a morte! Explique-se...
que foi que lhe succedeu?...

Mart. Ah! isso agora já é outro cantar. Sai-
ba então V^o Ex^a que neste momento está
seu filho batendo-se a pistola com o se-
nhor Mequinta do Cavalhal de Silveira;
o local escolhido foi a alameda de baixo,
no jardim.

Gom. Vem duello em minha casa!

Mart. Bem forma. Isto em mim foi de cargo de
consciencia. Desejava prestar-lhe um serviço
como compensação do meu passado. Acres-
dita na rehabilitação...

Gom. Dos tractantes? Muito pouco. Não

sem mais nada que me dizer?

Mat- Nada mais.

Gom- Va-se embora e não me torne a aparecer

Mat- Por bem fazer mal fazer. É a primeira vez na minha vida que fallo verdade e recibo uma paga d'estas!

Gom- Ouvi o que eu lhe disse?

Mat- Ouvi e retire-me.... arrependido de lhe prestar o serviço que lhe prestei. Dantes pagava melhor as pedras que eu lhe preparava.

Scena 9a

Gomes, so

Fallaria verdade este homem! D. Catharina disse-me que Laura não era indiferente ao Nequinta; que havia entre elles uma certa paixão. Compreendo agora. O homem não mentiu de certo.... Mas, como soube elle?... Foi mal em o mandar embora!... É a primeira vez na minha vida que a honestidade me tolhe os olhos. Tenho medo! Mas não! seja embora o corpo fraco; a vontade é forte ainda.

Scena 9a

Gomes e Polycarpo

Poly- Ha alguma novidade, Sr. Capitão?

Gom- Vem do jardim? Vis meu filho?

Poly- Olhe, alli o tem no fim daquelle rua. Mas precisa alguma coisa eu cá estou de ~~de~~ Capitão.

Gom- Decejava fazer-lhe uma pergunta mas ha de ~~me~~ me dar a sua palavra que não passa isto aqui de nós.

Poly- Prateira descamado. Gosto de dar a lingua a verdade, mas quando se trata de coisas

serias, a minha boca é Sagrada.

Gom - Bem. Sei que é amigo interno do meu filho
... sei mesmo que é seu confidente. Tem
coisas de poeta aquelle rapaz. Sempre lhe
quero contar. Mas sempre a Manha Deif-e
que vai logo para o jardim entrar as da-
mas das choroas, ou ler alguns dos seus li-
vros mais queridos. Dahi se o Surprehendem
coisa como se fosse uma donzella e mas ha
arrancar-lhe a confidencia, nem distrahi-lo
d'aquella habitual tristesa. Ora seja fran-
co Sur Polycarpo, e lembre-se de que é seu
pai que o interroga: e Gabriel sem alguma
opinião que o preoccupa. Parece-me evidente
se naturalissimo isto. Fizeram-se os amores
para os rapazes, como os beijos para
as creanças.

Poly - Mas beijos e capitais

Gom - Las leis immutaveis a cuja accão ninguém
se escapa. Vamos diga para ahi o que sa-
be.

Poly - Eu sei lá o que lhe hei de dizer!

Gom - Sabe! Sabe!

Poly - Lá vai. Ha de perder alguma palavra
menos bem dita, mas eu cá só sei dizer a
verdade.

Gom - Não tem duvida. Fale a verdade esta-
mos só.

Poly - O Gabriel quando não tinha pai nem mãe
era um pobre enfeitado como eu, deipon-
se, sim, quero dizer, affeccionado ahi por
uma rapariga tão pobre como elle, e como
nos todos que vivemos do trabalho, e que temo-

bem do trabalho vivia. Namoraram-se; elle deu palavra de casamento a' moça; e voae d'ahi apparece-lhe agora esta fortuna de encontrar um pae, como o Sr Capitão e', poderoso e rico e o rapaz, com franqueza, anda embacado sem saber o que ha de fazer a' sua vida.

Gom- E esta rapariga como se chama? Onde esta'?

Poly- Chama-se Maria, e esta' nesta casa: E' a costureira da menina.

Gom- (Aparte) Não previa o inimigo tanto ao pé da porta (Alto) Não preciso saber mais nada. Da-me a dita palavra de honra de não dizer a ninguém o que se passou.

Poly- Isto aqui e' pedrinha que cae em poeira.

Gom- Videmos de abrupto agora.

Scena 10

Gomes, Polycarpo e D. Catharina

Cath- Ah não, ainda bem que o encontro! Estou afflictaissima

Gom- Succedeu alguma coisa?

Cath- Não este jornal. Que desgraça!! Tenho medo dos meus presentimentos porque sempre se realisam

Gom- Quando rapidamente no jornal que lhe indicar e passando o jornal a Polycarpo (Beija)

Cath- E então? Não sem sabermos de nada

Gom- So que! Não seja fatalista.

Poly- (Devolvendo o jornal a Gomes) Isto e' peta!

Gom- Uma infamia e' que isto e'! um abuso de confiança!!!

Cath- Ha ali por fora algum fundamento, ali-

do não se escrevia isto isso. Esta noite a mi-
rha Laura no delírio da febre também fallou
em duello, em pistolas e não sei em que
mais coisas que agora coincidem com esse
artigo. Veja Mano: antes prevenir que se
florar.

Jom. É tudo pura invenção, excepto a doença de
sua filha, que é implacavelmente verdade, afian-
ça-lhe eu. E lá vá melhor?

Cath. Esta doença agora. Mas porque não vai
certificar-se pessoalmente disto?

Jom. Não é preciso. Ah! vem seu Sabrinho. Es-
ta satisfeito agora?

Acto Politécnico de Lisboa. 11. Scena 11.^a

Gomes, Polycarpo, Catharina e Gabriel.

Gabr. Bem-vindos a nós e apressai-vos a vir sa-
ber como passaram a noite (Para Catharina)
Aprimado não melhor?

Cath. Pouco melhor. Aquelles ataques duram-lhe
ordinariamente vinte e quatro horas.

Gabr. É um padecimento doloroso (A Polycarpo) sem
sta está por cá meu amigo?

Poly. Tento mais tarde na officina por seu respi-
to.

Jom. Fallava-se em que foras provocado para um
duello e o teu amigo esteve nos convencendo
de que não era verdade (A parte a Polycarpo)
Diga que sim

Poly. É verdade.

Gabr. Que absurdo... É singular isto!?

Jom. Ainda não lentes hoje os jornaes?

Gabr. Pois os jornaes occupam-se de mim!?

Poly. É para que libas o que é ter o pae alcaide.

John. Leí (entregando-lhe o jornal)
Gabr. É natural! (Lendo) « A policia foi feita
revelação tendente a prevenir que uma pen-
são, levantada entre dois cavalheiros, pa-
rece que por certos ressentimentos amorosos,
se não resolve no chamado campo da honra
para donde elles se desafiaram a pistola.
Estes cavalheiros dizem nos serem o Sr.
Gabriel da Cunha e Mesquita. O duello
deve verificar-se hoje ás 6 horas da
manhã, (declarando) São as mesmas
que o relógio indica, e parece-me que estou
na presença de meu pae e de minha tia.
S. Thomé pelo menos não duvidaria afir-
mar isto.

Scena 12^a

Atmosphere. Os Mesmos e Criado
Criado. Está alli ao pé das portas de N. S. S.

Cath. Quando entrar para a sala. Vistas a
estas horas?

John. (Que está escrevendo ao Criado) Espera ahí!

Cath. Dou-lhe os meus parabens sobrinho. Nunca
se me enganou com tanto gosto.

Gabr. São provas de interesse que não mereço.

John. (Ao Criado) Esta carta a redacção de
este jornal. Desculsa em tudo isto.

Gabr. Daquelle Mattoso que... que eu deveria
ter mandado para a Costa de Africa.

Poly. Lá abris agora a minha repartição (a
Gabriel) Toda nestes olhos e animo. Atia-
se que eu já me atrei. Dize-lhe que eu
mão a Papanga e que estás disposto a cas-
sar com ella.

Gabr. Pois....

Poly. Contei-lhe tudo... Adeus...

Gomes. Adeus, e seja sempre nosso amigo

Poly. De que serve um amigo como ele?!

Gomes. De muito... de muito... Ha uma coisa nesta vida para a qual não tems ha preço que valha a hora.

Scena 13^a

Gomes e Gabriel

Gom. Que significo esta tristeza Gabriel? Acaso não estubo de alegria a ter espirito este amor de pai das affectuosas que se consagro?!

Gabr. Eu não estou triste meu pai, se o estivesse era por desagradado a providencia que me tem proporcionado tantos beneficios.

Gom. Como um pai não se deve ser ceteras. Vamos. Eu sei que se preocupa uma certa inclinação que tens aos amores de rapaz com alguém que muito se quer, mas a quem a fortuna afastou de ti collocando a muito longe da esphera a que subiste. Contar-lhe-me isto tudo esta manhã? Não me surpreenderam, ~~pois~~ porque em verdade, eras coisas tão naturalissimas na mocidade. Ao teu juizo prudenciaf tenho parecer que expor algumas razões que justificam a deliberação que tomei de provar a tua obediencia por modo tão decisivo, como officio com relação ao teu casamento.

Gabr. Se o meu pai me der licença tenho também algumas explicações a dar-lhe.

Gom. Duff-as-hei com o prazer que devem causar a um pai palavras de um bom filho.

Jub. Devoso franco. A historia do duello foi um facto que se nao consumou. Para nao affligir Quinta, ha nas the contes isto. Partheno que meu pai estava tambem empenhado em que ella ignorasse tudo.

Gom. Faleste bem. Era entao verdadeo quanto dizia o jornal?

Jub. Em parte era. Hontem o primo Neesquita provocou-me porque surtei stancaes com minha prima diante d'elle e a pretendia para esposa.

Gom. E tu recusaste?...

Jub. Filho do capitao Cunha nao pode ser um covarde. Aceitei.

Gom. Boa resposta, filho!

Jub. Hoje vais procurar-me logo de manha e declarar-me....

Gom. Declarar-te?.....

Jub. Uma infamia

Gom. Expliqua-te, disseste?.....

Jub. Minha recusa-me os duittos que podiam ser sobre o coracao da prima por que sabia que ella sendo eu perfichado ficava sem patrimonio; alem disso deu-me a entender que queria ir para a America e que eu devia gratificar-lhe este acto vil, pagando-lhe a passagem.

Gom. Escoria dos homens!

Jub. Mandei-o fôr para deita cara, e onde nas e' dado a' indignidade e a' cobardia da vilanagem não se levantar mercado infamante!

Gom. Muito bem! procedeste seriamente.

gab. Não estava habituado a cenas desta ordem, e
devo dizer a meu pai que ellas causaram doloras
sas impressões no meu espirito. Devo declarar
the pois que não posso amar minha prima, que
dei palavra de casamento a uma pobre rapar
tiga de condições humilde como a minha, e que
não posso saltar com honra nas horas de pau
so e abundancia ao prometido, nas de escar
sento, de trabalho, e de obscuridade....

gouv. Chegou o momento das revelações, filho da minha
alma. Esilquei que as evitava. Não o preme
tito apanh a justiça de Deus. Entretanto ha
D'Amor que tenho soffrido todos os rigores da
expiacao. Nascesto nessa epocha. Entretanto
a familia de tua mãe levantara a politica
humana barreira invencivel. Repellido por ella
desviei-me do caminho da honra. Pensava
então que me vingava em não ser mais que
tornar-me cúmplice do meu erro, a polere se
nhora. Foste confiado a esse homem que me
is tarde illudiu a minha boa fé, e te expoz
na roda dos enfeitados. No mesmo dia profi
sei ao serviço da Junta do Porto. Quando ter
minou a lucta voltei a Lisboa. Já não exis
tia aquella que te devia o ser. Cubriam-the os
olhos alguns palmas do terra, uma pedra sac
ra indicava the a derradeira morada, no es
pithaphis humilhar invocavasse da piedade
publica uma prece por alma daquella pes
sadora. Afastei-me dalli salado de remorso.
Apelhadá no rigor da vida e erguera-me me
lho e cansado. Valleram pol'annos de angus
tia aquellos momentos de dor. Vieram que

pouco depois os canoas; o Sol ardente de Africa
enrugou-me as faces; os trabalhos acruvaram-
me o corpo, mas não estava ainda completa-
mente olvida da espiada!

Gal. Teus para ser direito aos meus respeitoos ca-
rece meu pai de avivar recordações das doloro-
sas?

Gom. Escuta. É bom recordar o passado porque ha
sempre nelle ensinamentos a aproveitar.
Ha tres annos commandava eu uma corveta
que de Loanda se dirigia a' Metropole. Com-
migo vinha de passagem meu irmão, o pai
de Laura, que occupava um alto cargo na
provincia. Gostava muito de o seu haver, al-
gumas dezenas de contos de Reis, adquiridos com
trabalho e esforços honestos, de chefe de fami-
lia, que pôe todo o seu empenho em garantir
o futuro dos seus. Era nos propicio o vento
e as velas do navio, enfunadas, persagiava proa
para bandeira. Uma noite por um orizida
anunciava-nos 4 navios pela proa. Subo a
coberta, lancei mão do ocular e effectivamente
eram 4 navios negreiros que tentavam es-
vitar nos. Determinei logo dar-lhes caça.
Coloquei a minha gente a postos. mandei
deixar acender mórtes, esvolar as peças, e
fiz-me anunciar logo por dois tiros que
barreram do primeiro chapeo a coberta de
bombarde e estibordo. Trava-se a lucta, um
estilhaço lança nos fogo e a pora, buscamos
atacar-o, mas era impossível, estava qua-
si a communicaçao do pais da poligra,
e quando o inimigo se pôe em fuga, nós

6

nos lançamos ás lanças para nos salvar
as vidas, um estampido horrivel de fôr num
momento a embarcação, sepultando nas on-
das as que conseguiriam salvar-se das chama-
mas, deixando-nos a fluctuar sobre o mar,
seis homens, eu, meu irmão, e 4 marinheiros
~~resistentes~~, entretanto elle conseguiu ainda
abracar-me e recomendar-me os seus.
Deixo Muther e filha ao abandono, e nem
o meu corpo cobraver thesopeo deegar, pro-
que esse mesmo vai ficar sepultado nestas
ondas,, Abaixo de nós estava o abismo, por
cima o céu e as estrellas simithando uns lam-
padarios funebres no meio daquella escuridão
extrema,, Se chegar com vida a Lisboa
repliquei, e encontrar meu filho, elle será
o marido de tua filha e velera pelos seus
e quando o noto emonte, eu serei amparado
de ambos,, Deu foi testemunha desta
promessa e Deu esta bem vivavel sempre
em occasões destas, a que sómos homens
do mar Sabemos dar valor. E serias tu,
filho, capaz de provocar sobre teu pai a ma-
lícia de Deus?

Galv. Não!!

Gom. Ha deveres superiores a' nossa vontade. Pro-
metti a' memoria de tua mãe, se te encon-
trare um dia, dar-te o meu nome, e in-
vestir-te na posse dos bens que possuo,
tua prima filha portanto pobre e desam-
parada. Hei de fallar a' meu irmão
su a tua mãe?! Ha dilemmas teriveis
Para concilia-los e' mister grande va-

lencia de espirito mas a Deus seu grande
reis os sacrificios de um filho que desobedi-
ça se oppoza de todos Sagrados deveres

Scena 14^a

Gabriel Gomes, e um officio de
marinha

Off^{al} - Seu Commandante, um officio urgente
da maxima generaf.

Gom^o - (Alto com precipitacao) Ultima carta de
prego. Va' ja para bordo e tenha a qua-
rta a postos, e o seu immediato que
mande acender caldeiras. O navio deve
levantar ferro dentro em uma hora (Offi-
ciaf inclina-se e sae)

Scena 15^a

Gabriel Gomes, e um criado

Gab^o - Ultima ordem desta com tanta precipitacao.
Gom^o - (Tocando uma campainha) So' nas atturas
do Cabo de S. Vicente poderei saber a com-
missao que tenho a cumprir. Bem Poderia
que pertencemos mais a patria, que a nossa
familia (ao criado que entra) As minhas
malas ja para bordo.

Criado - A resposta da carta que V^o Ex^o me mandou
levar.

Gom^o - Bem. Poderia retirar ~~o~~ (o criado incli-
na-se e sae) Ah! Am^o, ~~le~~ le.

Gab^o - e Original da noticia a que V^o Ex^o allu-
de haer incluso. Devemos esta franquicia
a' respeitabilidade do seu caracter. Res-
ta a' de Maters.

Gom^o - O mesmo que havia previsto. Que malha-
do!

Gabriel ^{interpe} Que sera' isto este homem ?

Gom. O futuro o dirá. Agora não ha tempo a perder. Não despedir-me de tua mãe volto já para dar-te um abraço.

Gab. É difficil experimentar em tão pouco tempo tantos e tão diversas sensações ?!

Gom. Falta de habito. Nesta esphera vivida é uma serie de sacrificios; noutra mais baixa, de privações; em todas uma serie de illusões, que nós mantemos convencionalmente, alias morriamos de desadento se se descegner.

Acto 16^o

Gabriel e Maria

Maria Gabriel!

Gab. Maria!

Maria Deinho instas-o para que faças a vontade a sempre. O meu tudo de ter o daquella porta. Que és que me faz aquelles gestos... as que elle lhe costuma.

Gab. Não se emenda de espreitar e ser curioso, Maria ?!

Maria Quem tem o inimigo á vista deve sempre estar á letra. Eu não quero que o Sr Gabriel faça loucuras por minha causa. Olhe, o Sr. Mequita escreveu á Brenina dizendo - the que não queria saber mais della, porque, diz elle namora que isto de casamento de polvos é geracao de pedintes... e muitas coisas mais de que me não recordo agora. E o caso é que ella já está de perna adida. Ora veja como Deus vai dispondo as coisas em seu favor.

Gabr. Não estás em ti, Maria

Mari. A menina ainda está de usar muito.

Gabr. Fazes-me acreditar com essas palavras que nunca me tiveste amor.

Mari. Quem estás a dizer com isso que o enganai?

Os sacrificios das mulheres, ou healem muito poucos ou são muito mais comprehendidos.

Gabr. Perdó-e. Eu nem sei a'o que digo. (cu ve se dentro a voz de Gomes)

Mari. Seu pai! Tenha coragem, meu amigo, e acredite mais naquella que sacrificia tudo a sua felicidade (sae)

Scena 11ª

Gomes e Gabriel.

Gom. Tudo está disposto

Gabr. Já meu pai?!...

Gom. Já! Desta vez forem o meu lugar nesta casa não fica vago. Tu o occuparás. O meu procurador está lá fora para te entregar o alvará de legitimação. És meu filho e com orgulho o proclamo e espero que nunca me arrependerei de te dar esse nome.

Ampara tua fuma e vê se a por esta família de que te constituo chefe.

Gabr. Assim o farei porque assim o devo.

Gom. Deves antes que tudo: o dever é a honra, e o Golgotha de todas as paixões do homem do bem. Procedendo assim satisfarás todas as minhas aspirações

Gabr. De o junto de mim, e vê se fugir sem quasi me certificar de sua grata realidade.
(Abraça-o)

7
Jom. Ainda uma vez. Oh! Deus sabe se será a ultima.

Gab. Meu querido pae!

Jom. Parte confiante em que saberas cumprir a promessa solenne que me fizeste de não descomparares aquellas a quem eu jurei tutelar. Quando o meu navio levantar fôrto e der as salvas do estylo, acharão heis soler o tambadicho, e levantarei de lá' os ceus minhas mãos para te abençoar. Se forse e saberes vencer-te. Os inimigos que mais deves nos temer, são os capulhos da nossa montade. Lucta com elle honoradamente e alcança a victoria. Adeus... adeus... (Abraça-o e despedida-o, Gab. segue-o chorando)

Scena 18^a

D. Catharina e Maria

Cath. Já'o havia previsto, por que a mim não me farent ningu' atar doasrelhas. Muitas primas agora e' que contaram a historia toda. E' assim que paga a hospitalidade que recebe nesta casa, quando se introduziu para desinquietar o fihô de seu amigo amo, e tramar toda a intriga que ahí nae. Anda de, prepare o seu bahu e leve consigo tam' com esse muther que para ahí teouse.

Maria. Váha-me Nossa Senhora!

Cath. Tambem se fah beata a Santinha... a Soneinha?... Porque espera?! Nesta casa não a quero, nem mais uma hora.

Maria. Não se riugue de mim na pobre velhinha? Não lhe digo que estou innocente porque me não acdetaria. Por mim não me

importa..... sempre hei de achar uma casa
para servir... mas ella, coitadinha, quem mi'a
ha de receber por amor de Deus?

Cath- Dando feo-se para os polices, metta-se lá!
A Barba longa acabou hoje ca' por casa,
minha esportinha.

Mãe- Tenha do' de mim! A senhora e' mãe e de
ve compadecer-se desta dôr de filha... aquella
santa velha namem conceito vale mais que
uma boa mãe. De joelhos lhe peço. Não des-
ampare aquella pa quem tudo devo!

Cath- Esta-me a contender com os nervos exa' las
múria! Levantese!

Scena 19^a

Catharina, Maria e Polycarpo

Poly- Simi minha senhora. Fan bend em a man-
dar levantar. Sujos deves quando se rejim
assim e' para copiar em as culpas alheias. De-
ca the perdão porque acaba de calumniar
a mais honrada rapariga que eu conheço.

Cath- Vem entao reprehender-me em minha casa?

Poly- Parece-me que para fiors entender de meia
palavra basta... Levante-se Maria, não
chore. E' inútil querer tornar com lagrimas
flexivel um pedaco de pedra. A caridade
não e' privilegio dos ricos e' dever de todos, e...
fan mais quem quer do que quem póde. Lá
em casa do mestre ainda ha de haver traba-
lho para se e um pedaco de frao para a tia
Martha, não sera' tao alus como o que co-
mem os ricos, mas o que posso afirmar
the e' que e' dado com boa vontade.

Scena 20^a

9 2 Fevereiro
Catharina, Maria, Polycarpo, Gabriel e operarios.

Gab. Por aqui... Não mandaste entrar os nossos amigos e fui encontrar'os lá em baixo no pateo.

Poly. Procurava-se para t'os apresentar. A fabrica fechou hoje e viemos em commissão pedir-se que auxiliasses o mestre e valeses aos seus irmaos agora que a fortuna se collocou em posição de lhe poderes ser utilis.

Gab. Boa ventade, ninguém a devia melhor.

Scena 2^a

Os Mesmos e Laura e Alta

Laura. Dizeram-me que o primo me queria fallar?

Gab. Sim minha prima. Então já não melhor?

Laura. Restabelecida quasi

Gab. Ainda bem. Aproveito o ensejo para diante das senhoras todos lhes fazer uma restituição.

Laura. Uma restituição?!?

Gab. (Entregando-lhe um rollo de papeis) Cincuenta contos em inscripções que recebi agora mesmo do procurador de meu pae e...

Cath. Aceita filha que é o seu dote

Gab. Perdas minha tia, é o seu patrimonio, o meu está aqui: (mostrando as mãos) — é o trabalho. Esta familia tambem me pertence: são meus irmaos, volto para junto d'elles; não poderia esquecer quando soube cumprir os deveres de filho; feita a ventade de meu pae, resta-me agora satisfazer a minha.

Poly. Bravo! és um heroe!

Gab. Maria, recusa-se ha ainda a aceitar a mão do operario da fabrica do mestre José Antonio.

Mat. Não porque sacrificiei tanto a' sua amizade,
quanto vejo agora que sacrificia a' minha. (su-
vem-se de dentro as salvas de Artilleria, Galri.
e pegando affectuosamente nas mãos de Ma-
riá prosegue com entusiasmo)

Galri. Não podia estar mais pensada sobre um filho a
condenancia paterna, quando a consciencia
o absolue e felicita, e se ainda apuro seus
votos, meu querido pae, não satisfizo inteiramen-
te, perdoo-me, por este auxilio a cujas virtudes
rendo preito e presto homenagem.

Scena 2^a 3

Os Meeiros e Matoso

Mat. (ao criado que o não deixa entrar) Já the
dizem que hei de entrar. (A parte descendo a
sena) Agora que já ca' na' esta o velho buns-
co eu (Galri) O dito, dito também a'
noite. Preciso daquelles papeis (A parte)
É um polve diabo, no fim de contas e assim
é que é' levá-lo.

Galri. (Mostrando-lhe a carta do jornalista) Ca-
nhere esta letra. É o original da noticia
infame que se propaga.

Mat. Ora entã! Como the foi parar isso ás mãos

Galri. A policia sabotado.

Mat. (A parte) Ai Jesus que calafrios. O se-
nhores en estao de mais fraca feio! (Cassas-
sando-se, e deixando a Laura a' que fubura
occultamente entregar uma carta) É uma
cartinha do Sr. Berquita.

Laur. Nada existe já de commun entre mim
e esse homem

Mat. A nadar fiquei eu agora (Abre a carta repis

damente) Estou roubado.

Poly- Graças! Sahiu uma alma do purgatorio!
(Lendo a carta que Matoso deixa cair) e
Restituiu-lhe a sua liberdade para eu usar
da minha. Vou caminho do novo mundo
ver se me curo das chagas do velho.....

Mat- Velho sou eu! Então o maroto ~~vou~~
vae-se curar a minha custa?!

Poly- Apanhei dinheiro de um parvo e como De-
us favorece os seus alvies ha de fazer com
que se multipliquem os colhos de deste.

Gabr- Deixa esse desgraçado e que saia daqui
quanto antes, porque a sua presença não
nos mais a nós que a elle toda a indigni-
dade que é capar.

Poly- Fora (empurrando-o) Quem rouba a ladrao
sem sem annos de perdão.

Laur- Queri ao Sr Polycarpo que seu meente se
vira por difficuldades do seu negocio, for-
ca a ^{abrir} a ~~fechar~~ a officina.

Poly- Sim! minha mesina, e' certo.

Laur- Constituo meu primo administrador dos
bens que me offerece. Elle lhe fornecerá os
capitales que forem necessarios para a re-
abertura da officina.

Gabr- Nobre e Santa resolução e' essa prima.
Affim e' que o thesouro dos ricos deve ser
applicado, cá o n'osso, e dos pobres jamais
deixará de ser este! (Inducando os operarios
trabalho (apertando a mão de Polycarpo) hora.

Scena ultima

Os Meenos e a tia Martha.

Maria- (correndo a lançar-se nos braços) Tia Mar-
tha! Minha querida mãe.

Poly- (Inducando Martha e Maria) Caridade

+ Aceito o encargo com que
me honra e buscarei correspon-

der dignamente ao testem-
nho de confiança que me dá.

Mat- (Aparte, despitada) E esta agora!

Poly- Tenho vontade de lhe

beijar as mãos, minha me-

rina. Com a bend! O mundo

não está tão perfeito que

se veja isto a cada canto!

Gabr- Por mal n'osso, meu Polycarpo,

O capital applicado ao trabalho, ás

artes e ás industrias, e o por

tador e as sympathias das

alegrias do pobre e da prosperidade

do povo. Eu quizerava que assim

fosse applicado sem pre o thesaur

20 dos pobres ricos; cá o n'osso meu

amigo já não deixará de

ser este! (Vide rubricas) o trabalho,

a honra

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema